

Verdes vozes modernistas

Joaquim Branco

Faculdades Integradas de Cataguases (FIC). Doutorando em Literatura Comparada pela UERJ. Poeta e crítico. Autor, entre outros livros, de *Passagem para a modernidade* (ensaio sobre o Movimento Verde de Cataguases). e-mail: joaquimb@gmail.com

Resumo Trajetória do grupo literário “Verde” de Cataguases. O Modernismo no interior do país. Os integrantes da equipe. Poemas representativos da época. Condições e contexto local. A produção, a recepção e a revista editada de 1927 a 1929.

Situada no sudeste mineiro, na região da Zona da Mata, Cataguases tem cerca 495 km² de área e fica a 167 metros de altitude. Tradicionalmente sua importância econômica está ligada ao seu parque industrial de tecidos, mas cada vez mais se confirma que o principal foco de interesse e de atração mesmo é a cultura. Isso se deve à projeção que o Movimento Verde na literatura e o pioneirismo de Humberto Mauro no cinema lhe deram, transformando-a em pólo artístico e cultural a partir de meados da década de 1920, com continuação em ciclos subseqüentes.

A cidade surgiu como povoação por volta de 1828, quando chegaram os primeiros colonizadores, liderados pelo francês Guido Marlière, nomeado coronel-comandante das Divisões Militares do Rio Doce e encarregado da catequese dos índios pelo imperador dom Pedro I. Na ocasião, um dos habitantes da região, o sargento de ordenanças Henrique José de Azevedo, doou boa extensão de terras à Província de Minas Gerais e, junto com Marlière, demarcou o território da povoação de Meia Pataca.

A produção de ouro em Minas, que começara a decair em finais do século XVIII, chegava à exaustão, e o governo, que já rompera “a interdição da floresta atlântica”, a partir de 1814, viu os primeiros deslocamentos humanos partirem para a Zona da Mata.

Somente em 1842, vindo de Lagoa Dourada, chegou à região para se estabelecer o fazendeiro Joaquim Vieira da Silva Pinto, conhecido mais tarde como Major Vieira. Fixou-se no Glória, com sua família, onde construiu a sede da Fazenda do Glória e criou um respeitável patriarcado com a participação dos vários ramos de sua família, em que os principais eram os Vieira-Resende e os Dutra-Nicácio.

Ocorreu intenso progresso ao seu redor e sob sua orientação, especialmente pelas plantações de café, que atraíram outros sitiantes e fazendeiros em busca do “novo Eldorado – a Zona da Mata”.

Impulsionada pela agricultura – em especial, o café – a cidade progredia ainda em pleno século XIX, e o novo chefe político, o coronel Vieira, demonstrando ter preocupações culturais, enviou seis de seus filhos para o famoso Colégio do Caraça e um para o Colégio Militar. Tornaram-se mais tarde grandes advogados e depois juristas de renome.

O primeiro trem-de-ferro e o telégrafo chegaram em 1877, com a elevação da vila a município. No ano seguinte, foi criada a primeira loja maçônica: ‘A Flor da Viúva’.

Em 1893, com a eclosão no Rio de Janeiro da Revolta da Armada, milhares de pessoas tiveram que abandonar a capital federal, perseguidos pelo governo do Presidente Floriano Peixoto. Nessa época dirigiram-se para Cataguases figuras ilustres como o poeta Osório Duque Estrada, a família do Almirante Saldanha da Gama, Quintino Bocaiúva, a professora portuguesa Carolina Webster e seu marido, o inglês Denis Webster, e muitos outros professores, que passaram a exercer influência na cidade, fundando colégios e jornais e desenvolvendo o gosto pelo teatro e os saraus.

Florescia no município um grupo de advogados e juristas, ampliou-se o comércio, multiplicaram-se os jornais como *O Povo*, *O Popular*, *Eco de Cataguases*, *O Agricultor*, *A Quimera*, e apareceram duas publicações maiores: a *Revista do Interior* (1915) e a *Revista da Mata* (1917).

Outro marco significativo foi a inauguração, em 1896, do Teatro Recreio, que, mais tarde, se transformou em cine-teatro. Ali eram representadas peças de companhias do Rio de Janeiro e também de autores locais, e posteriormente filmes.

O representante cataguasense na Câmara de Deputados – Astolfo Dutra – foi reeleito presidente por seis legislaturas.

Em 1910, os portugueses Manuel Inácio Peixoto e João Duarte Ferreira fundaram o Ginásio Municipal, que se tornou, dirigido por Antônio Amaro, uma instituição de nome em toda a região. Quatro anos depois, dentro do colégio, surgiu o Grêmio Literário Machado de Assis, em cujas sessões iniciaram suas experiências os integrantes do que seria mais tarde o Movimento Verde na literatura.

Todos esses eventos – e outros que escapam a este resumo – antecederam o destino de Cataguases para a cultura. No entanto, foi com o trabalho dos ‘verdes’ – no grêmio, nos jornais e revistas – que aconteceu a ruptura com a velha ordem para se instalar o Modernismo em Cataguases. A ação desenvolvida pelo grupo deveu-se à ação de cada um dos participantes do movimento, desde meados dos anos 20: Ascânio Lopes, Camilo Soares, Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco, Enrique de Resende, Christophoro Fonte-Boa, Martins Mendes, Oswaldo Abritta e Guilhermino César. Sua atividade se dividia em quatro jornais principais: *Mercúrio* (da Associação dos Empregados do Comércio), *Jazz-Band*, *O Estudante* e *Cataguases*, que foram o tubo de ensaio para a criação da *Revista Verde*, que viria em 1927.

Um dos primeiros poemas a anunciar a nova arte modernista foi publicado no jornal *Mercúrio* em maio de 1926 e era de Camilo Soares. Intitulava-se “Rua”, e seus acordes sintonizam a mudança no tema e na confecção formal:

Terça-feira
de confeti.
Na esquina
um moleque assobia a Gigolette.
Pela rua
deserta,
de luz incerta
passa um automóvel.

O vento
– telegrama do infinito
anuncia que a chuva
rompe no céu muralhas de granito.
Cismo
encostado na minha tristeza...
(... esta rua silenciosa
é a minha rua,
a rua da minha vida,
triste rua sem beleza...)
(SOARES, 1926, p. 3)

Animados com o contato e o apoio de Mário e Oswald de Andrade, vindo de São Paulo, de Carlos Drummond de Andrade, de Belo Horizonte, e de outros modernistas do Rio de Janeiro, os nove componentes da revista *Verde*, que começou a circular em setembro de 1927, abraçaram a causa mas não sem oposição local que se manifestou por meio de editoriais da imprensa oficial local, que não pouparam críticas aos ‘verdes’ e ao Modernismo.

A luta dos novos contra os velhos valores estava apenas começando, entretanto a recepção externa foi sempre positiva e uma carta do romancista José Américo de Almeida, de 1929, já no final do movimento, sintetiza tudo:

Eu sonhei com vocês: todo o Brasil espiando pra Cataguases e Cataguases dando as costas a vocês.
Cidade pequena é assim mesmo. Tem raiva de quem fica maior do que ela dentro dela.
Vocês, poetas de cidade pequena (grupo n. 4) fizeram de Cataguases uma cidade grande.
Porque é grande tudo que se vê de longe, inclusive certas coisas pequenas.
Queiram bem a Cataguases que não quer bem a vocês. Cataguases é pequena, mas vocês só são grandes porque são poetas de Cataguases (ALMEIDA, 1929, p. 3).

Emergia a nova arte cataguasense nos seis números editados da revista *Verde* – de 1927 a 1929 –, na correspondência que mantiveram no país e no exterior, na troca de idéias com outros modernistas, nas polêmicas com um e outro conservador. Nesse momento distinguiram-se mais as vozes de Rosário Fusco, Ascânio Lopes e Enrique de Resende. A revista foi interrompida no número seis, talvez pela morte prematura de um dos líderes do movimento – Ascânio Lopes, mas também contribuíram outros fatores como a natural disper-

são do grupo quando alguns de seus membros transferiram residência para Belo Horizonte e para o Rio de Janeiro.

Na seleção de alguns poemas a seguir, pode-se perceber o perfil artístico de cada membro do grupo, e a unidade e coesão que mantiveram durante o movimento. Eles retratam o programa modernista em todas as suas nuances, do anseio de liberdade, na temática, no uso da ironia e da piada, nos cortes e rompimentos etc. Como neste poema-flash de Ascânio Lopes:

Descoberta do Brasil

Programa:

- 1) Foguetões.
- 2) Alvorada pela Banda de Música 3 de Maio
- 3) Missa com sermão obrigatório e leilão no final para as obras de igreja
- 4) Passeata do batalhão escolar e sessão cívica no grupo local.
- 5) À noite, na sede do grêmio Literário Cultores das Letras, o sr. Pacífico Montes discorrerá eruditamente sobre o acaso da descoberta.
- 6) Fogos de artifício. Nota: Haverá foguetes de lágrimas.
(LOPES, 1927, p. 22).

A síntese é perfeita e conduz, ajudada pela numeração, uma seqüência de itens que sintetiza o motivo da ironia e da crítica do poeta: as cerimônias e festas oficiais, das religiosas às escolares, das cívicas às “literárias”, que representam tudo aquilo contra o que os modernistas estavam lutando.

Ascânio, nesta pequena peça, bombardeou, com seus foguetões, as hostes do próprio programa do conservadorismo em seu reduto básico, para arrematar jocosamente com os pírios “foguetes de lágrimas” da gurizada. Além dos efeitos de pirotecnia irônica, pode-se notar a utilização de recursos próprios da poesia concretista abrindo e fechando o poema, como se uma cortina rapidíssima tensionasse ainda mais os padrões de significação para produzir os efeitos humorísticos desejados.

Dedicado a Carlos Drummond, “Descoberta” completa a boa participação de Camilo na *Verde*, em seu terceiro número, com versos irregulares, no seu estilo econômico e adequado para obter efeitos rápidos:

Descoberta

O homem enfeitado
chegou debaixo do sapé seco
e olhou lá dentro da casa.

Viu uma moça bonita
de seios maravilha
de carne carne.

E ficou.

E plantou na terra roxa
a bandeira irônica da conquista.

Tava descoberto o fim do mundo.
(SOARES, 1927, p. 10)

O poema de Fonte-Boa lembra a cena campestre de um piquenique, com a poesia solta, solar, ao expressar o sentido de liberdade dos versos modernos, com aliteraões devidamente exploradas, e até um lirismo franco que antecipa o poente.

Agosto

Poente,
o Sol ia lavar o suor das queimadas
ia lavar o rosto,
para surgir no outro dia
mais claro e conservado.

Pic-nic: moças,
vinho (?) que ainda subia morros
e corria caminhos;
alegria, gritos, delírio...

Rolava no ar ralo
o riso rasgado das raparigas...

Vinha pela estrada,
pela estrada quieta, longa, pensativa,
vinha trazendo o cheiro cheiroso das árvores,
vinha emudecendo os sapos e os grilos!

O grupo passou.
Cabelos amarfanhados que voavam,
pezinhos que beijavam a terra,
tudo passou.

Mas rolava no ar ralo
o riso rasgado das raparigas!
(FONTE-BOA, 1927, p. 2)

Mais ligado à tradição da história de Cataguases, pois pertencia à família dos fundadores da cidade, o poeta Enrique de Resende teve primordial importância, especialmente no início do movimento, quando os demais poetas, bem mais novos do que ele, tiveram-no como um guia nos seus primeiros passos. Sua poesia, de linha mais séria, tinha, no entanto, características de crítica social, como neste “Senzala”:

SENZALA

Senzala da fazenda dos meus avós...
Vão-se desmoronando pouco a pouco
as tuas paredes de pau-a-pique e os teus telhados seculares.

Mas ainda és, no teu desmoronamento,
a lembrança angustiada das atrocidades dos meus avós.

Senzala da fazenda...
As tuas ruínas ainda estão impregnadas do sangue machucado
dos negros que geraram nos teus troncos,
sob o chicote ameaçador dos homens brancos – feitores da fazenda.

Mas tudo isso há de desaparecer um dia.

As tuas paredes de pau-a-pique e os teus telhados seculares,
– ruínas ainda impregnadas do sangue e do suor dos escravos –
lembram os gemidos que se perderam pelos teus cubículos de tabique;
e as lágrimas que rolaram pelo teu chão de terra socada;
e o relho de três tranças dos algozes feitores da fazenda;
e os gritos lancinantes que vararam o horror das tuas trevas;
e a mancha apagada que ficou na braúna dos teus troncos.

Mas – bendito seja Deus! – as tuas ruínas desaparecerão um dia
na bruma longínqua da história dos tempos.

E então se apagará também, esse dia, na minha memória
a lembrança angustiada das atrocidades dos meus avós...
(RESENDE: 1927, p. 20).

O poema “Pedreira”, dedicado a Rosário Fusco, relata a vida dura dos empregados de uma conhecida pedreira da cidade, e o poeta Francisco Peixoto se solidarizava com o trabalhador braçal, num belo aproveitamento de imagens tão fortes quanto expressivas:

PEDREIRA

Dependurados no espaço
eles ficam ali o dia inteiro
arrancando faíscas
furando buracos na pedreira enorme
que reflete como um espelho
as suas sombras primitivas.

À tarde ouve-se um estrondo
e o eco repete a gargalhada das pedras
que vieram rolando da montanha.

Os homens de pele tostada
descem então dos seus esconderijos
e caminham pras suas casas
vagarosamente
decepcionados
segurando com as mãos cheias de calos
as ferramentas com que procuram
há uma porção de anos
o segredo que lhes dê uma nova revelação de vida.
(PEIXOTO: 1927, p. 11)

“Noite de todos os poemas” já era uma tentativa de trazer para a literatura novos temas, como o samba e o canto solidário da gente morena, abrindo as portas para inúmeros novos personagens que também penetraram em obras de outros escritores do Modernismo brasileiro. É um trabalho de Guilhermino César:

NOITE DE TODOS OS POEMAS

No samba que explode lá fora
em voltas de gira
em giros de amor

em cantos e risos
puseram os poemas da raça cafusa.

Poemas vermelhos
poemas roxinhos de fazer pena
poemas brancos e inofensivos
– todas as cores e todos os sentimentos
nas cabrochas repinicando,
sambando suadas.

Poemas da raça
Poemas da terra
poemas de tudo!

No samba que explode lá fora
em voltas de gira
em giros de amor
em cantos e risos
falta porém um poema maior...
Não se pode escrevê-lo somente:
é preciso sentir
é preciso viver
solidário com a gente morena
pra escrever o poema melhor
– o poema maior e mais fundo
que a raça exige de nós.
(CÉSAR: 1928, s. p.)

Mesmo recebendo um tratamento lírico-amoroso, o poema “História sem fim”, de Martins Mendes, merece atenção pelo seu caráter inovador, caracterizado pelos recursos gráficos utilizados pelo poeta, que acrescentam à cena de amor um lado lúdico e interessante.

HISTÓRIA SEM FIM

Era uma vez
re... tí... cên... ci... as...

O fio de ouro
da história do nosso amor
rebentou.

Está fechado o romance de minha vida...

(PERSONAGENS:	Eu e Tu
ASSUNTO:	Amor.
AUTORES:	Nós.
EDITORES:	Nós).

As páginas escritas:
Páginas verdes,
Páginas brancas,
Páginas azuis.

Páginas
e
Páginas

De sonho,
de esperança,
de ilusão.

Sabe-as de cor dona Saudade
que as recita baixinho,
quase chorando,
para dona Lembrança,
com a voz do silêncio,
com a voz da noite,
– voz que só a dona Saudade tem...

Era uma vez...
Re...ti...cên...ci...as...
e re...ti...cên...ci...as...¹
(MENDES: 1929, n. p.)

As poucas investidas do poeta em peças fora da métrica situam-se nos anos 20 e podem ser interpretadas mais como tentativas de se situar ao lado dos companheiros, porém quase nunca se afastando do lirismo subjetivo, que sempre foi o seu preferido. Da mesma maneira como os outros membros de *Verde*, Abritta não deixou de consignar o amor a sua terra, marcando registros como “A rua da Estação” e “A avenida”, como bons exemplos de tematização na órbita do louvor à terra.

A RUA DA ESTAÇÃO

A rua da Estação em Cataguases,
à noite, é silenciosa
e os automóveis sobre ela deslizam
como se deslizassem sobre um tapete...
Passam homens, mulheres apressadas
para o *footing* da Praça Rui Barbosa,
onde eu vejo sempre uma melindrosa
defendendo o charleston e falando
em crepes da China e fios de Escócia
e meias bege...
Mal sabe ela que eu a sigo silencioso
só porque ela se parece com um mapa
da América do Sul, colorido...
A rua da Estação em Cataguases, durante o dia,
é tumultuosa como os grandes centros.
Passam rapazes sem paletó e vão dizendo “olá”
para os conhecidos...
Caminhões, carroças...
Tudo exprime vida, força, energia, entusiasmo
nesta cidade principesca...
A rua da Estação é a vida de Cataguases.
(ABRITTA, 2001, p. 4)

“Festa da bandeira”, um poema-piada que sai no número 3, fixa o momento cataguasense de festa pátria de interior, em que se descobre o professor Arlindo ‘reaparecendo’ tal como o professor Machado Penumbra de *Memórias sentimentais de João Miramar* – discursivo, enfático e parnasiano. O humor cortante não é menos crítico que o de Oswald de Andrade em seus poemas.

FESTA DA BANDEIRA

Depois que os meninos cantaram
o “salve lindo pendão da esperança”
o professor doutor Arlindo França
descobriu o retrato de Camões e disse
que ele foi um grande poeta português
autor do URUGUAI – o mais belo
poema da língua portuguesa

Meninos bateram palmas e o coronel Sinfrônio
elogiou o “estilo quente” do orador...

Seu Nicolas farmacêutico falou com titio
que o seu França é um homem “preparado”
– a mais viva esperança do Brasil...
(FUSCO: 1927, p. 18)

Essa é uma pequena amostragem do que fizeram os ‘verdes’ na década de 1920, em Cataguases. Com o tempo, seu trabalho se ampliou e alguns romperam as fronteiras do país. Sua marca hoje está registrada nas antologias e histórias da literatura brasileira, e até na paisagem da cidade, que ganhou esculturas, pinturas e construções arrojadas.

A estreita passagem que esses poetas tiveram que abrir, e que depois possibilitou a ruptura com um passado bacharelesco e parnasiano, desaguou em inúmeras frentes, que acabaram por determinar as conquistas culturais e sociais. E elas se traduziram na realidade de uma literatura mais próxima do povo, no incremento de temas que passaram a falar ao espírito das pessoas e às premências da vida moderna; no florescimento de uma linguagem mais coloquial, franca e direta, no adivinhar a maneira de ser e de estar do homem comum no mundo; na liberdade como exemplo em todos os sentidos e na coragem de exercitá-la.

Tudo isso impregna a proposta vitoriosa dos participantes do Movimento Verde, está em seus textos e constitui um rompimento com o *status quo*. A bandeira da transgressão empunhada pelos ‘verdes’ deu-lhes a coragem, mas nem sempre a certeza de que tinham aberto um caminho realmente novo. Esta certeza só veio mais tarde, quando novos ciclos de literatura confirmaram a todos que alguma coisa significativa aconteceu no início do século XX em Cataguases, e que esse fato levaria a cidade a um destino diferente.

O que fica de saldo para a história da literatura brasileira, e de Cataguases em particular, é que, em meados dos anos 20, jovens estudantes, um dia, se reuniram no Grêmio Literário Machado de Assis, sentiram-se confiantes em suas idéias, criaram uma revista e lideraram um movimento que colocou, para sempre, sua cidade no mapa literário e artístico do Brasil.

Notas bibliográficas

ABRITTA, Oswaldo. A rua da Estação. *Cataguases*. Cataguases, Caderno C, 25 mar. 2001, Suplemento.

ALMEIDA, José Américo. Mensagem ao grupo Verde. *Verde*. Cataguases, n.º 6, maio 1929.

CESAR, Guilhermino. PEIXOTO, Francisco Inácio. Noite de todos os poemas. *Meia-Pataca*. Cataguases: Verde, 1928.

FONTE-BOA, Christophoro. Agosto. *Cataguases*. Cataguases, 21. ago. 1927, p. 4.

FUSCO, Rosário. Festa da Bandeira. *Verde*. Cataguases, n.º 3, nov. 1927.

LOPES, Ascânio. Descoberta do Brasil. *Verde*. Cataguases, n.º 3, nov. 1927.

MENDES, Martins. História sem fim. *Treze poemas*. Cataguases: Verde, 1929.

PEIXOTO, Francisco Inácio. Pedreira. *Verde*. Cataguases, n.º 4, dez. 1927.

RESENDE, Enrique. Senzala. *Verde*. Cataguases, n.º 4, dez. 1927.

SOARES, Camillo. Rua. *Mercúrio*. Cataguases, n.º 10, 29.05.1926.

SOARES, Camillo. *Verde*. Cataguases, n.º 2, out. 1927.

VERDE: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, n.º 1-5, n.º 1 da fase 2; 1 n.º especial de apresentação e depoimentos. Ed. fac-similar. 1927-1929. São Paulo: Metal Leve, 1978.